



# Pesquisas sobre gêneros na escola: o que fazemos nos programas de pós-graduação em estudos linguísticos do Nordeste brasileiro?

## Genre research in basic education: what is being done in graduate programs in Linguistic Studies across Northeastern Brazil?

Vicente de LIMA-NETO\*

Benedito Gomes BEZERRA\*\*

**RESUMO:** O discurso oficial brasileiro sobre ensino de língua portuguesa, há mais de vinte anos, parte do pressuposto de que o texto, vinculado a um gênero, deve ser visto como objeto de trabalho nas salas de aula do país (Brasil, 1998, 2018). Entretanto se percebe que algo ainda está fora da linha, tendo em vista os resultados frágeis de leitura e escrita que o país vem obtendo em exames nacionais, como Enem e Saeb, e internacionais, como o Pisa, além de estar estancado, há muitos anos, em níveis mais elementares do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf). Com base nisso, perguntamo-nos como a questão do gênero no ensino vem sendo tratada na área das Ciências da Linguagem, ajustando a lupa para a região Nordeste (NE) do país. Tivemos como objetivo mapear os trabalhos acadêmicos defendidos em programas de pós-graduação (PPG) de estudos linguísticos no NE sobre ensino de língua materna a partir de gêneros, considerando o enfoque em análises que considerem tanto gêneros específicos quanto diferentes tipos de agrupamentos genéricos. Partimos dos trabalhos acadêmicos que fazem estudos exploratórios sobre amplo espectro da produção textual e da leitura, como Araújo (2010), Ataíde *et al.* (2019), Pimentel (2019) e Carvalho e Sousa (2023). Como procedimentos metodológicos, fizemos um levantamento de dissertações e teses defendidas em vinte programas de pós-graduação na área de Ciências da Linguagem, no período de 2011 a 2021, buscando aqueles que versassem sobre a relação gêneros e ensino básico. Os resultados apontam que, embora tenhamos avanços significativos no campo dos estudos de gêneros, tendo inclusive PPG reconhecidos nacionalmente como sendo de excelência nesses estudos, o número de pesquisas em programas *stricto sensu* que apontam para as salas de aula da educação básica brasileira ainda é muito baixo, sugerindo certo distanciamento entre o que acontece na academia e fora dos muros da universidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros. Ensino. Educação básica. Nordeste. Pós-graduação.

**ABSTRACT:** The official Brazilian discourse on Portuguese language teaching, for more than twenty years, has been based on the assumption that the text, linked to a genre, should be seen

---

\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (*campus* Caraúbas), Caraúbas, RN – Brasil. [vicente.neto@ufersa.edu.br](mailto:vicente.neto@ufersa.edu.br)

\*\* Doutor em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente da Universidade de Pernambuco (*campus* Mata Norte), Nazaré da Mata, PE – Brasil. [benedito.bezerra@upe.br](mailto:benedito.bezerra@upe.br)

as an object of work in the country's classrooms (Brasil, 1998, 2018). However, it is clear that something isn't working, given the fragile reading and writing results that the country has been obtaining in national exams, such as Enem and Saeb, and international exams, such as Pisa, in addition to being stagnant for many years at more elementary levels of the Functional Literacy Indicator (Inaf). Based on this, we ask how the issue of genre in teaching has been addressed in the Language Sciences, focusing to the Northeast region (NE) of the country. We aimed to map the academic work defended in linguistic studies graduate programs (PPG) in NE on first language teaching based on genres, considering the focus on research that consider both specific genres and different types of generic groupings. We start from academic works that do exploratory studies on a broad spectrum of textual production and reading, such as Araújo (2010), Ataíde et al. (2019), Pimentel (2019) and Carvalho e Sousa (2023). As methodological procedures, we carried out a survey of dissertations and theses defended in twenty graduate programs in the area of Language Sciences, from 2011 to 2021, looking for those that discussing the relationship between genres and basic education. The results indicate that, although we have made significant advances in the field of genre studies, including graduate programs nationally recognized as excellent in these studies, the number of research on *stricto sensu* programs that point to Brazilian basic education classrooms is still very low, suggesting a certain distance between what happens in academia and outside the university walls.

**KEYWORDS:** Genres. Teaching. Basic education. Brazilian Northeast. Graduate program.

Artigo recebido em: 18.12.2024

Artigo aprovado em: 03.10.2025

## 1 Introdução

O ensino de língua portuguesa à luz dos gêneros já é política de estado há cerca de duas décadas e meia (Brasil, 1998), tendo sido corroborado ainda com a implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018). Este documento traz em seu bojo, na área de língua portuguesa, ecos de perspectivas interdisciplinares de trabalho na escola, dentre elas a Pedagogia dos Multiletramentos (Cazden *et al.*, 1996) e os Novos Letramentos (Knobel; Lankshear, 2007), todos sedimentados numa perspectiva enunciativa da linguagem (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2018), tendo, ao fim das contas, gêneros imersos em campos de atividade diversas como objeto de estudo.

É em torno desse discurso oficial que este trabalho se fundamenta, buscando investigar o que tem sido praticado na academia nordestina, nos últimos dez anos, no que diz respeito à relação entre gêneros e ensino. Embora a BNCC (Brasil, 2018) ainda

esteja, na prática, em fase de implementação no país, já se prevê o trabalho com a língua portuguesa tomando como base o texto e o gênero há cerca de vinte e cinco anos, o que parece entrar em conflito com os resultados de importantes avaliações destinadas à Educação Básica, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que revelam fragilidades do alunado com as habilidades de leitura e escrita, conteúdos cujo desenvolvimento pode se beneficiar da noção de gênero. Entre outras questões, buscamos entender o que efetivamente tem sido feito na academia no que concerne às pesquisas com gêneros e ensino de língua materna.

O objetivo do artigo, portanto, é o de **mapear os trabalhos acadêmicos defendidos em programas de pós-graduação (PPG) de estudos linguísticos no NE sobre ensino de língua materna a partir de gêneros, considerando o enfoque em análises que considerem tanto gêneros específicos quanto diferentes tipos de agrupamentos genéricos**. Trata-se, portanto, de um estudo panorâmico, com o intuito de mapear um determinado nicho na academia numa região específica. Ajustamos a lupa para a realidade da região nordestina do Brasil pelos seguintes motivos: primeiro, é historicamente uma região marginalizada socialmente, com índices alarmantes na Educação Básica; segundo, é uma região profícua academicamente, que congrega importantes trabalhos acadêmicos sob diferentes abordagens de gêneros (Pimentel, 2019); terceiro, trata-se de um movimento político de incentivo à cultura acadêmica nordestina, que busca contribuir, de diferentes maneiras, para a ascensão social, crítica e participativa de seus cidadãos à luz da educação.

Espera-se, com isso, trazer à baila conclusões sobre o que efetivamente se propõe na academia sobre ensino de língua portuguesa à luz dos gêneros, abrindo possibilidades de alertar a comunidade acadêmica, num futuro próximo, de como isso pode impactar as salas de aula de língua portuguesa na região Nordeste do país.

Organizamos este trabalho em quatro seções, além destas considerações iniciais: uma sobre o panorama nacional de estudos de gêneros, em que resgatamos

pesquisas que fizeram levantamentos ou mapeamentos sobre a questão antes de nós; uma metodológica, em que é descrito o universo da pesquisa, a constituição do *corpus* e os procedimentos adotados; a análise dos dados, onde nos debruçamos sobre os programas de pós-graduação em estudos linguísticos no NE e as dissertações e teses defendidas sobre a relação gêneros e ensino, seguida das considerações finais.

## 2 Sobre os panoramas de estudos de gênero no Brasil

A abordagem utilizada neste trabalho não é nova, e trabalhos anteriores já se propuseram a realizar tarefas semelhantes, com outros objetos. Vieira (2004) e Lima e Lima-Neto (2009), por exemplo, desenvolveram mapeamentos sobre letramento digital; Paiva (2005) buscou mapear métodos de pesquisa com foco na aprendizagem de línguas via TIC; Santos (2013) mapeou pesquisas existentes sobre TDIC e formação de professores de língua inglesa, para citar apenas alguns.

Dentre os trabalhos mais recentes, citamos a coletânea em dois volumes organizada por Ataíde *et al.* (2019a; 2019b), cujo propósito é “socializar uma obra de referência na qual fosse possível resgatar a produção científica em Linguística e Literatura vinculada aos programas de pós-graduação das universidades nordestinas” (Ataíde; Almeida, 2019a, p. 10). Os organizadores argumentam que trabalhos de mapeamento, como o que ora se apresenta, são também um estímulo para novas pesquisas, partindo do que já se encontra mapeado. Vamos além: é também uma oportunidade para refletir sobre os efetivos resultados que estão se configurando num plano macro e tentar corrigir aquilo que não está a contento.

A exemplo disso, trazemos os resultados da discussão feita por Gualberto e Santos (2019), sobre os estudos da multimodalidade no Brasil. As autoras chegam à conclusão de que “a abordagem multimodal no contexto brasileiro tem sido, erroneamente, percebida como uma teoria independente, que possibilita conjugar e descrever o uso de modos/recursos na produção de significados”. Ou seja, há um equívoco, amplamente difundido na academia brasileira, sobre a própria concepção

de multimodalidade, que, segundo os próprios proponentes da área (Kress, 2010), não é uma teoria, mas “um modelo de comunicação que fornece ferramentas de análises que podem auxiliar o entendimento de como os significados são construídos” (Gualberto; Santos, 2019, p. 26). Apenas com pesquisas dessa natureza conseguimos perceber certos equívocos e evitar que eles se propaguem e possibilitar que sejam corrigidos.

No âmbito dos trabalhos que discutem gêneros, Gomes-Santos (2003) e Motta-Roth (2008) estão entre os primeiros a desenvolver mapeamentos sobre o tema, ainda na década passada. O primeiro se propõe a avaliar um *corpus* de artigos publicados em periódicos e coletâneas cujo critério era o de tematizar sobre o conceito de gênero. A conclusão a que ele chegou foi a de que a pesquisa brasileira sobre gêneros já era, àquela época, constituída por uma pluralidade teórico-epistemológica bastante significativa, embora a referência a Bakhtin fosse quase um consenso teórico em diferentes áreas do conhecimento. Já a segunda pesquisa se propõe a discutir as contribuições da Análise Crítica de Gêneros para a pesquisa e o ensino da linguagem. Para isso, a autora discorre sobre as tendências dos estudos de gênero no Brasil, geralmente ligadas à perspectiva de Inglês para Fins Específicos, aos Estudos Retóricos de Gênero, à abordagem Sistêmico-Funcional de Sydney ou ao Interacionismo Sociodiscursivo, concluindo que “as pesquisas desenvolvidas no Brasil na década de 90 identificam-se em grande escala com essas quatro escolas e originam um pensamento voltado para as práticas pedagógicas de linguagem” (Motta-Roth, 2008, p. 345).

É relevante apontar que os trabalhos de Motta-Roth (2008) e de Marcuschi (2008) fazem levantamentos das abordagens vigentes no país, e não necessariamente o que vinha sendo pesquisado na área, como fazem Gomes-Santos (2003) e Ataíde *et al.* (2019a; 2019b). De toda forma, nas suas diferenças, se aproximam por serem panorâmicos e discutirem o objeto gênero e suas relações.

É possível que o levantamento mais conhecido pela comunidade acadêmica sobre essa questão seja o de Marcuschi (2008), quando o autor elencou pelo menos quatro grandes linhas de atuação dos pesquisadores de gênero no Brasil: uma linha bakhtiniana orientada pelo ISD e pela Escola de Genebra (Interacionismo Sociodiscursivo), aplicada ao ensino; uma linha do Inglês para Fins Específicos, influenciada pelos estudos de Swales (1990); uma linha sistêmico-funcional, chamada de Escola Australiana de Sydney; e uma quarta abordagem, “mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart, e também por Charles Bazerman, Carolyn Miller [...], Gunther Kress e Norman Fairclough [...]” (Marcuschi, 2008, p. 152). Nota-se que, já à época, também Marcuschi chegava à conclusão de quão variados são os estudos de gênero no Brasil, distribuídos em diferentes polos, mas também com certa ênfase em Bakhtin, cujo trabalho “fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas” e, portanto, “pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa” (Marcuschi, 2008, p. 152).

Publicado fora do país, o capítulo de Araújo (2010) faz um exaustivo levantamento de pesquisas sobre gêneros desenvolvidas no Brasil no período de 1980 a 2007. A autora conclui que os estudos sobre o tema aumentaram durante o período e é evidente que o modelo analítico para esses gêneros continua sendo a descrição e interpretação dessas práticas de linguagem em seus ambientes. Também aponta que há duas predileções teórico-metodológicas pelos pesquisadores brasileiros: o Interacionismo Sociodiscursivo (24% das pesquisas) e uma “combinação de perspectivas” (27%), em consonância com o já encontrado por pesquisadores anteriores.

Na esteira do trabalho de Araújo (2010), Bawarshi e Reiff (2013) e Swales (2012) defendem a existência de uma “síntese brasileira” (Bawarshi; Reiff, 2013) de estudos de gêneros. Para os autores:

A síntese brasileira sugere que as tradições de gêneros sociológicas e retóricas não precisam ser incompatíveis com as tradições linguísticas

e, quando interconectadas, essas tradições podem oferecer uma rica visão do funcionamento dos gêneros e de como podem ser ensinados em diversos níveis (Bawarshi; Reiff, 2013, p. 75).

Bezerra (2016) discute o estatuto da “síntese brasileira” dos estudos de gênero no Brasil e, para sustentar a tese de que ela não se justifica, mobiliza uma série de trabalhos que também se propuseram a mostrar como se distribuem os estudos de gênero no país (cf. Bazerman; Bonini; Figueiredo, 2009; Bawarshi; Reiff, 2013). Para o autor, não é possível descrever uma abordagem específica que represente o modo como nós estudamos gêneros no Brasil, mas é possível dizer que temos algumas predominâncias: Bakhtin, por exemplo, tem um lugar destacado nos estudos de gênero em todo o país, bem como os estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) são “preferidos” – influenciados pelos PCN – quando se trata de ensino de línguas. A conclusão aponta para o que os autores anteriormente citados também consideraram:

o mais provável é que dificilmente teremos uma ‘síntese brasileira’, e sim as mais variadas sínteses, abordagens ou perspectivas, fruto de diálogo não só entre as teorias de gênero *stricto sensu*, mas também entre essas e outras teorias, especialmente do texto e do discurso (Bezerra, 2016, p. 488).

É também nos vestígios das discussões sobre a síntese que se desenvolve a pesquisa de Pimentel (2019)<sup>1</sup>, que se debruça sobre a caracterização dos estudos de gênero em todo o Brasil entre os anos 2000 e 2016 e seus diálogos e interlocuções como sistemas complexos. O autor parte da premissa de que a ideia de síntese é reducionista, devendo-se, então, pensar em como poderiam ser entendidas diferentes acepções de sínteses, no plural, tamanha é a complexidade da temática e a riqueza das pesquisas em território nacional.

O recorte do autor apontou para 170 trabalhos defendidos em cinco programas de pós-graduação brasileiros consagrados pelo pioneirismo nos estudos de gênero

---

<sup>1</sup> Conferir também Pimentel e Bezerra (2020), que é um recorte da tese de Pimentel (2019).

textual no Brasil, e os resultados mostraram que os trabalhos podem ser caracterizados da seguinte maneira:

i) como tendo fortes influências dos estudos de Bakhtin/Volóchinov para as pesquisas; ii) com a formação de conceitos teóricos baseada nos grandes paradigmas internacionais de gêneros textuais discutidos nos capítulos três e quatro; e iii) com uma orientação pragmática associada à preocupação social pelo letramento e seus desdobramentos, bem como para se perceber a contribuição dos estudos de gêneros textuais para o ensino de Língua Materna (Pimentel, 2019, p. 188).

Logo, o autor chegou à mesma conclusão que outros pesquisadores: o Círculo de Bakhtin é predominante no Brasil, por estar presente na maior parte dos trabalhos sobre gêneros. Chama a atenção também a segunda conclusão: a maior parte dos trabalhos defendidos considera uma revisão da literatura, tomando por base teorias já consolidadas internacionalmente e aplicadas aqui. Uma menor parte das pesquisas segue o modelo chamado pelo autor de ‘macroteoria’, em que há combinação de diferentes abordagens teóricas.

Também merecem destaque as tendências que o autor encontrou: uma primeira é a de “aplicação das pesquisas brasileiras que se manifestam no delineamento e no estudo de gêneros como objeto de ensino” (Pimentel, 2019, p. 191). Embora, como vimos em trabalhos anteriores, o ISD fosse a abordagem mais produtiva culturalmente no Brasil para tratar desse assunto, entende-se, agora, com Pimentel (2019), que há espaço para reflexão de como outras teorias de gênero podem ser produtivas para ensinar língua, seja materna, seja estrangeira. Uma segunda tendência é o crescimento na inovação da discussão dos gêneros orais, o que também pode ser afirmado por pesquisas como a de Forte-Ferreira, Santos e Noronha (2022), até então assunto muito pouco discutido nos estudos de gêneros.

Depois deste arrazoado de investigações dos últimos vinte anos, percebe-se que nenhuma pesquisa se debruçou exclusivamente sobre a relação **gênero e ensino**. Como dissemos anteriormente, embora a metodologia não seja nova, o ajuste de lupa



que propomos é refletir sobre como a academia nordestina de estudos da linguagem tem pensado a relação entre gêneros e a sala de aula. Detalhamos, na próxima seção, as nossas escolhas metodológicas e como arregimentamos os dados para atingir o objetivo da pesquisa.

### 3 Metodologia

Nesta seção, apresentamos aspectos mais descritivos e metodológicos: primeiro, o detalhamento do *corpus*, o recorte temporal que fizemos e as escolhas que tomamos para defini-lo. Segundo, o passo-a-passo seguido por nós na análise dos dados, em busca do alcance do objetivo.

#### 3.1 Do *corpus*

O primeiro passo para delimitar nosso *corpus* foi a seleção dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da região Nordeste a serem incluídos no estudo. Os critérios de seleção foram três:

- pertencer à área de estudos linguísticos, segundo categorização da Plataforma Sucupira (Capes)<sup>2</sup>;
- ter sido avaliado pelo menos uma vez desde sua implantação<sup>3</sup>;
- ser um PPG acadêmico.

Não consideramos, portanto, uma série de programas já em atividade, mas sem nota na Plataforma Sucupira, nem os Mestrados Profissionais. Dos 37 programas de pós-graduação nordestinos elencados na Plataforma, selecionamos os vinte abaixo:

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>.

<sup>3</sup> Consideramos as notas do quadriênio 2017-2020, divulgadas até o ano de 2023, quando da época da escrita deste texto.

Quadro 1 – Programas de Pós-graduação selecionados.

UF	Nome do Curso	IES	Site	M	D
AL	Linguística e Literatura	UFAL	<a href="https://fale.ufal.br/ppgll/">https://fale.ufal.br/ppgll/</a>	3	3
BA	ESTUDO DE LINGUAGENS	UNEB	<a href="https://ppgel.uneb.br/">https://ppgel.uneb.br/</a>	4	4
BA	Estudos Linguísticos	UEFS	<a href="http://www.ppgel.uefs.br/">http://www.ppgel.uefs.br/</a>	4	4
BA	Letras: Cultura, Educação e Linguagens	UESB	<a href="http://www2.uesb.br/ppg/ppgcel">http://www2.uesb.br/ppg/ppgcel</a>	4	-
BA	LÍNGUA E CULTURA	UFBA	<a href="http://www.ppglinc.letas.ufba.br/">http://www.ppglinc.letas.ufba.br/</a>	4	4
BA	LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES	UESC	<a href="http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/ppgl/">http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/ppgl/</a>	4	4
BA	Linguística	UESB	<a href="https://ppgl.in/">https://ppgl.in/</a>	4	4
CE	LINGÜÍSTICA	UFC	<a href="https://ppgl.ufc.br/pt/sobre-o-programa/">https://ppgl.ufc.br/pt/sobre-o-programa/</a>	5	5
CE	LINGÜÍSTICA APLICADA	UECE	<a href="http://www.uece.br/posla/">http://www.uece.br/posla/</a>	5	5
MA	Letras	UFMA	<a href="https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=es_ES&amp;idPrograma=1339">https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=es_ES&amp;idPrograma=1339</a>	3	-
PB	LINGUAGEM E ENSINO	UFCG	<a href="http://posle.ufcg.edu.br/">http://posle.ufcg.edu.br/</a>	4	4
PB	LINGÜÍSTICA	UFPB	<a href="https://www.cchla.ufpb.br/proling/">https://www.cchla.ufpb.br/proling/</a>	6	6
PE	CIÊNCIAS DA LINGUAGEM	UNICAP	<a href="https://portal.unicap.br/ciencias-da-linguagem-ppgcl">https://portal.unicap.br/ciencias-da-linguagem-ppgcl</a>	5	5
PE	LETRAS	UFPE	<a href="https://www.pgletras.com.br/">https://www.pgletras.com.br/</a>	4	4
PI	LETRAS	FUFPI	<a href="https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/areas.jsf?lc=pt_BR&amp;id=348">https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/areas.jsf?lc=pt_BR&amp;id=348</a>	4	4
PI	LETRAS	FUESPI	<a href="https://www.uespi.br/mestradoemletras/?page_id=18">https://www.uespi.br/mestradoemletras/?page_id=18</a>	4	-
RN	CIÊNCIAS DA LINGUAGEM	UERN	<a href="https://propeg.uern.br/ppcl/">https://propeg.uern.br/ppcl/</a>	3	-
RN	ESTUDOS DA LINGUAGEM	UFRN	<a href="https://posgraduacao.ufrn.br/ppgel">https://posgraduacao.ufrn.br/ppgel</a>	5	5
RN	LETRAS	UERN	<a href="https://propeg.uern.br/ppgl/default.asp?item=ppgl-apresentacao">https://propeg.uern.br/ppgl/default.asp?item=ppgl-apresentacao</a>	4	4
SE	LETRAS	FUFSE	<a href="https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=241">https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=241</a>	4	4

Fonte: elaboração própria.

O segundo passo foi proceder à seleção do *corpus* propriamente dito. Buscávamos saber quais dissertações e teses versavam sobre a relação **gênero(s) e ensino de língua materna** no período temporal de 2011 a 2021. O recorte se justifica pelo fato de a pesquisa ter sido realizada entre 2022 e 2023, tendo sido desconsiderados os trabalhos defendidos nesse ínterim. O período recobre, portanto, os dez anos anteriores ao momento em que realizávamos a pesquisa.

Para isso, acessamos todos os sites dos programas citados acima e buscamos as páginas que disponibilizavam todos os trabalhos defendidos. A partir de então, a busca foi feita manualmente: a seleção se pautava na análise do título dos trabalhos e nos resumos que refletiam sobre algum gênero específico e sua relação com o ensino de língua. Ora a palavra **gênero** poderia aparecer no título, ora precisamos recorrer ao resumo dos trabalhos e, em alguns casos, até mesmo à seção de metodologia, para verificar se discutiam, de fato, a relação que buscávamos.

Seguimos também um critério objetivo: o de selecionar trabalhos que discutissem efetivamente algum gênero específico e sua relação com o ensino. Ficaram de fora, por conta disso, uma série de trabalhos que teoricamente apontariam para a relação em questão, mas, na verdade, não tocavam num gênero: por exemplo, pesquisas sobre letramento, que não prescindem da escrita, mas não necessariamente relacionavam o fenômeno a algum gênero; pesquisas sobre **leitura e escrita**, cujo viés não apontava necessariamente para um gênero específico, mas para aspectos mais gerais desses objetos; e principalmente uma gama de trabalhos sobre gêneros, em diferentes abordagens teóricas, mas sem quaisquer preocupações com o ensino de língua materna.

Depois desses procedimentos, chegamos ao número de **196** dissertações e teses defendidas nos vinte programas em tela, no período supracitado. Todos os trabalhos foram coletados dos sites dos PPG, considerados, portanto, como dados oficiais<sup>4</sup>.

### 3.2 Do tratamento dos dados

Com o *corpus* selecionado, coube estabelecer os procedimentos para alcançar o objetivo do trabalho, qual seja, o de **mapear os trabalhos acadêmicos defendidos em PPG de Linguística no NE sobre ensino de língua materna a partir de gêneros, considerando o enfoque em análises que considerem tanto gêneros específicos quanto diferentes tipos de agrupamentos genéricos.**

O primeiro procedimento foi contabilizar o total de trabalhos defendidos no programa no período supracitado e os trabalhos que constituiriam o *corpus* desta pesquisa, o que gerou duas tabelas, como as seguintes:

Quadro 2 – Trabalhos selecionados no PPG em Estudos Linguísticos – UEFS/ BA.

Ano de defesa	Título
2014	<u>O gênero ficha pedagógica na escola: um espaço de diálogo e transformação sociocultural</u>
2014	<u>A abordagem dos gêneros textuais pelo Gestar II e suas implicações para o ensino de Língua Portuguesa</u>
2016	<u>A produção textual na escola: uma abordagem a partir do Avalie Ensino Médio</u>
2020	<u>Retextualização e ensino: análise de atividades de produção textual a partir do gênero conversa no whatsapp</u>

Fonte: elaboração própria.

---

<sup>4</sup> Alguns desses sites dos PPG dispunham apenas do nome do trabalho, mas não do link de acesso a ele. Em alguns casos, contatamos a secretaria dos programas, mas não tivemos retorno. Em outros, os trabalhos do Mestrado Acadêmico se misturavam com os do Mestrado Profissional, como foi o caso do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da UFAL, tendo sido necessário o acesso ao sítio do Mestrado Profissional e a contabilização manual dos que lá foram defendidos, subtraindo-os do total de defendidos no Mestrado Acadêmico. Por fim, há PPG que estão com suas páginas desatualizadas. Por exemplo, o PPG em Língua e Cultura da UFBA iniciou as atividades em 2010, mas, no site, constam apenas trabalhos a partir de 2015.

Quadro 3 – Conclusões sobre o PPG analisado.

Trabalhos totais defendidos no programa	Incluídos no <i>corpus</i>	%
127	4	3,14

Fonte: elaboração própria.

Para cada programa selecionado, fizemos o mesmo procedimento. Na tabela 3, há uma comparação da quantidade de trabalhos defendidos e, dentre eles, aqueles que discutem a relação requerida. Isso gerará uma percentagem, que é a que nos interessa – no caso, 3,14% dos trabalhos defendidos no PPG tinham preocupações com gêneros e ensino.

O segundo procedimento foi o de reunir os dados encontrados em todos os vinte PPG numa tabela maior, que levou a um percentual real das preocupações com gêneros e ensino na academia nordestina brasileira, o que será discutido no próximo tópico.

#### 4 Que espaço os estudos que relacionam gêneros e ensino ocupam nos PPG de estudos da linguagem no NE brasileiro?

Nesta seção, nos dedicamos a discutir os dados encontrados na seguinte maneira: primeiro, destacamos as características dos PPG investigados, o que permite mostrar o perfil das pesquisas ali defendidas; segundo, voltamos para as dissertações e teses constituintes do *corpus*.

##### 4.1 Dos PPG em estudos linguísticos no NE brasileiro

Temos PPG em estudos linguísticos em todo o NE brasileiro. Conforme o quadro 1, chegamos às seguintes interpretações:

- dezenove (ou 95%) são ofertados em IES públicas e um em instituição comunitária (PPGCL/ Unicap)<sup>5</sup>;

---

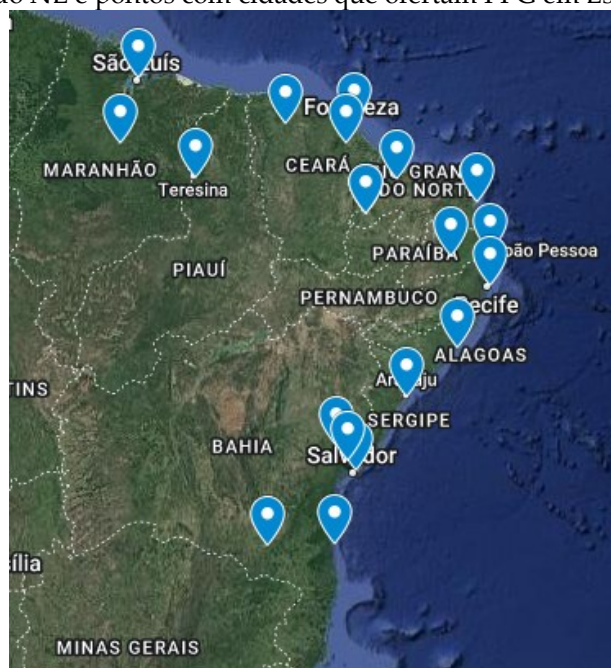
<sup>5</sup> Sem fins lucrativos.

- b) dezessete (85%) deles têm cursos de Mestrado e Doutorado;
- c) um (5%) é avaliado com nota 6, quatro (20%) têm nota 5, doze (60%) têm nota 4 e três (15%) têm nota 3. Não há notas máximas (7) nos programas da região NE.

Chega-se à conclusão de que se tem uma boa oferta de cursos de Doutorado, permitindo a continuação da verticalização da formação. Além disso, os programas analisados perfazem um total de 85% com nota igual ou superior a 4 nas avaliações da Capes, mostrando que têm o conceito **bom**<sup>6</sup>.

Uma segunda característica dos programas é sobre a distribuição geográfica pela região NE. Vejamos:

Figura 1 – Mapa do NE e pontos com cidades que ofertam PPG em Estudos Linguísticos.



Fonte: elaboração própria.

Algumas informações merecem ser destacadas: a BA é o estado que mais nos oferece PPG na área de Linguística e Literatura, sendo onze no total<sup>7</sup>, enquanto SE e

---

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/Artigo\\_18\\_07\\_07.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/Artigo_18_07_07.pdf). Acesso em: 12 out. 2022.

<sup>7</sup> Dos onze, só consideramos seis nesta pesquisa, pois três deles são voltados para os estudos literários e dois iniciaram em 2019, portanto, ainda não haviam sido avaliados.

AL ofertam apenas um programa na área. Chama também a atenção o fato de quatro estados terem programas acadêmicos apenas nas capitais: são eles Alagoas (com o PPG em Linguística e Literatura da UFAL), Piauí (com os PPG em Letras tanto na UFPI quanto na Uespi), Sergipe (com o PPG em Letras, pela UFS) e Pernambuco (PPG Letras/ UFPE; PPG em Ciências da Linguagem/ Unicap e PPG em Estudos da Linguagem/UFRPE, este último não tendo sido avaliado ainda) e Maranhão (PPG em Letras, sendo dois deles na UFMA e um na Uema)<sup>8</sup>.

A figura acima aponta geograficamente as regiões onde são ofertados os programas. Ela revela também que algumas áreas do conhecimento na pós-graduação não acompanharam a política de interiorização do ensino superior, iniciada há cerca de vinte anos, embora quase totalmente descontinuada em parte da última década, entre os anos 2016 a 2022. Mostra também a concentração do conhecimento nos grandes centros urbanos, o que foi uma tendência na industrialização do país em sua formação, mas também sugere, na terceira década do século XXI, resquícios de uma mentalidade neoliberal cujo discurso é hegemônico em países subdesenvolvidos, beneficiando apenas pequenos grupos que estão no poder e, claro, gerando desigualdades de oportunidades na população nordestina interiorana, que pouco (ou nenhum) acesso tem à pós-graduação se não se deslocar para as capitais.

Exceto Vitória da Conquista (BA), Teresina (PI), Pau dos Ferros (RN), a maior parte dos programas é ofertada próximo ao litoral, onde se concentram os centros urbanos e conseqüentemente as maiores fatias da população. Mesmo assim, não deixa de chamar atenção visualmente o tamanho do espaço descoberto pela verticalização da área no interior nordestino e o quanto ainda precisamos avançar.

Embora não tenhamos analisado esses programas, há alguns em funcionamento no interior do Ceará (PPG em Estudos da Linguagem da Unilab, em Redenção; e o

---

<sup>8</sup> No Maranhão, há também o PPG em Letras da Uemasul, em Imperatriz, iniciado em 2019, que oferece o Mestrado Profissional. O outro PPG em Letras da UFMA é acadêmico, ofertado em Bacabal, mas começou suas atividades em 2019 e, por não ter nota, não entrou na nossa análise.

PPG em Letras da URCA, no Crato), na Bahia (PPG em Estudos da linguagem: contextos lusófonos – Brasil-África, na Unilab, em São Francisco do Conde), e no Maranhão (PPG em Letras, da UFMA, em Bacabal), mas todos iniciaram em 2019 e não foram avaliados, o que não deixa de revelar as fundamentais iniciativas de interiorização da pós-graduação nesses estados.

Uma última informação diz respeito ao tempo de existência desses programas. Os mais antigos PPG da área na região são Letras, da UFPE (1976), Linguística e Literatura, da UFAL (1989) e Linguística, da UFC (1989). Quinze PPG (75%) nasceram entre 2003 (PPGCL/ Unicap) e 2016 (este o mais novo do nosso universo de pesquisa, que é o PPGCL/ UERN, em Mossoró). Logo, somos uma pós-graduação em estudos linguísticos saindo da adolescência, com uma média de 18,3 anos.

Em suma, o perfil da pós-graduação em estudos linguísticos no NE é o seguinte:

- a) oferta, em sua maioria, cursos de Mestrado e Doutorado;
- b) está localizada nos grandes centros urbanos, majoritariamente nas capitais;
- c) tem o conceito bom, segundo avaliação da Capes;
- d) é jovem, com média de dezoito anos de idade.
- e) tem tímida tendência de se expandir para o interior nordestino, exigindo que essa população se desloque para as capitais ou para outros estados e regiões do país, caso queiram verticalizar seus estudos.

Com este perfil em mente, passemos à produção acadêmica nordestina que reflete sobre gêneros e ensino.

#### **4.2 Das dissertações e teses sobre gêneros e ensino de língua materna no NE brasileiro**

Embora jovem, a pós-graduação nordestina é bastante madura e já formou mais de cinco mil mestres e doutores entre 2011 e 2021. Na área de gêneros, temos programas que se tornaram referência no país, inclusive, demonstrado por Marcuschi (2008), como o PPGL/ UFC e o PPG Letras/ UFPE, que divulgaram e problematizaram



os estudos de gênero baseados no inglês para fins específicos (Swales, 2010) e os estudos retóricos de gênero (Miller, 2012; Bazerman, 2005) desde o início dos anos 2000. No mesmo período, esses programas também se destacaram por serem um centro de estudos de referência sobre gêneros em ambiente digital, como o artigo pioneiro de Marcuschi (2002), que traz uma proposta analítica de critérios formais e funcionais de gêneros emergentes em contexto digital, bem como o livro, até hoje único no país, especificamente sobre gêneros digitais (Marcuschi; Xavier, 2004), produzidos no âmbito das discussões do PPGL/ UFPE. No mesmo período, surge a primeira dissertação brasileira sobre um gênero dito digital, o chat, de Araújo (2003), e, na esteira dela, uma série de investigações no PPGL/ UFC sobre os mais variados fenômenos digitais, como o *blog* (Lima, 2008), *scraps* do Orkut (Lima-Neto, 2009), vídeos remixados no Youtube (Costa, 2010), *tweets* (Costa, 2012) e tantas outras.

Já nos últimos dez anos, estudos oriundos do Posla/ Uece (Bernardino; Abreu, 2017; Silva; Bernardino; Valentim, 2020), do PPG Letras/ UFPI (Oliveira; Oliveira; Alves Filho, 2021) e PPGCL/ Unicap (Pimentel; Bezerra, 2020; Bezerra, 2022; Oliveira, 2022) têm se voltado para os gêneros acadêmicos, tornando-se polos importantes do país numa seara de estudos que, antes, havia sido desbravada sobretudo na região sul do Brasil.

Mesmo em uma região profundamente produtiva para estudos de gênero, percebeu-se que as pesquisas que conceituavam, problematizavam e descreviam gêneros diversos tinham mais espaço do que aquelas que traziam aplicabilidade deles em sala de aula da educação básica ou mesmo reflexões sobre ela. Essa impressão só poderia ser confirmada com um mapeamento, que nos propusemos a fazer, com o recorte temporal de dez anos, como já descrevemos na seção de metodologia. A tabela a que chegamos foi a seguinte:

Quadro 5 – Resultados numéricos da pesquisa.

UF	Nome do Curso	IES	Trabalhos defendidos	Selecionados	%
AL	Linguística e Literatura	UFAL	466	9	1,93
BA	Estudo de linguagens	UNEB	227	5	2,20
BA	Estudos linguísticos	UEFS	127	4	3,14
BA	Letras: Cultura, Educação e Linguagens	UESB	159	13	8,17
BA	Língua e cultura	UFBA	197	4	2,03
BA	Linguagens e representações	UESC	95	3	3,15
BA	Linguística	UESB	175	5	2,85
CE	Linguística	UFC	388	15	3,86
CE	Linguística aplicada	UECE	329	11	3,34
MA	Letras	UFMA	61	0	0
PB	Linguagem e ensino	UFCG	233	36	15,45
PB	Linguística	UFPB	321	11	3,42
PE	Ciências da linguagem	UNICAP	178	14	7,86
PE	Letras	UFPE	488	13	2,66
PI	Letras	FUFPI	283	7	2,47
PI	Letras	FUESPI	92	2	2,17
RN	Ciências da linguagem	UERN	58	2	3,44
RN	Estudos da linguagem	UFRN	652	15	2,30
RN	Letras	UERN	310	16	5,16
SE	Letras	FUFSE	298	11	3,69
<b>TOTAL</b>			5137	196	<b>3,97</b>

Fonte: elaboração própria.

Dedicaremos agora algum espaço para descrever e refletir sobre essa tabela em quatro pontos:

- quantificação de trabalhos defendidos versus trabalhos que discutem gêneros e ensino;
- PPG que têm mais e menos percentual de trabalhos defendidos sobre gêneros e ensino;
- trabalhos que trazem a relação gêneros e ensino como secundária;
- agrupamentos de gêneros na academia nordestina.

#### **4.2.1 Da proporção de pesquisas que discutem gêneros e ensino e sua relação com o total defendido nos PPG**

Quando os primeiros números começaram a ser consolidados, logo nos chamou a atenção de que o célebre enunciado de Marcuschi (2008, p. 141), “O estudo de gêneros não é novo, mas está na moda” só faz algum sentido ainda se não se considerar a relação de gêneros e educação básica. No período destacado, 5137 pesquisas foram defendidas nos vinte programas, das quais 196 delas discutiam, de alguma forma, a relação gêneros e ensino, perfazendo um total de 3,97% do total. Aqui, estamos incluindo inclusive trabalhos que não tinham necessariamente foco num gênero, mas se utilizavam dele para dedicar atenção a outro objeto, como letramento, leitura, variação linguística, prática docente etc. – assunto a que nos dedicaremos mais no item 4.2.3. Esta última informação também é importante, uma vez que certamente especificar ainda mais a busca tornaria o percentual muito mais baixo.

O número chama a atenção pelo fato de que, desde os PCN (Brasil, 1998), a questão do texto e dos gêneros é ponto fulcral no ensino de língua portuguesa. Vejamos:

Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza

temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. **Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino** [grifos nossos] (Brasil, 1998, p. 23).

Os grifos mostram que há mais de duas décadas, a relação entre textos e gêneros é política de Estado no que concerne ao ensino de língua materna. Aquele documento, à época, fora profundamente influenciado pelas reflexões de Bakhtin ([1953] 2016) e do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999; Schneuwly; Dolz, 2004), e mudou a realidade do ensino de língua no país nos anos subsequentes, exigindo mudanças profundas nos livros didáticos e consequentemente fazendo com que muitas das discussões sobre a questão fossem desenvolvidas nos seios das universidades e dos cursos de formação de professores. Marcuschi (2008) já apontara que a PUC/SP foi pioneira nesse trabalho, que, aos poucos, foi se espalhando pelo país. Mesmo no exterior, a pesquisa sobre gêneros e ensino no Brasil foi reconhecida pela forte influência do ISD e a capacidade que temos de fazer profícuos casamentos teóricos com outras áreas para discutir a questão, como já argumentaram Bawarshi e Reiff (2013).

Vinte anos depois, a Base Nacional Comum Curricular (2018) consolida essa mesma percepção sobre texto e gênero dos PCN:

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem (grifos nossos). Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas (Brasil, 2018, p. 67).

Percebe-se, portanto, a manutenção do mesmo discurso oficial, que entende como direito de aprendizagem do alunado o conhecimento elementar de conceitos como texto e gênero, os quais serão meios para o desenvolvimento de diferentes habilidades voltadas para leitura, escrita, escuta e análise dos textos da vida real. Com a BNCC, novas mudanças foram implementadas no campo da educação, de forma que o documento foi inserido imediatamente nas salas de aula do país, mesmo sem haver uma maior preparação para instituições de ensino estudarem e se adaptarem a ela.

Por que, então, na prática, se percebe que os alunos brasileiros (em especial no NE do Brasil) têm profunda dificuldade de escrita e leitura<sup>9</sup>? Algumas possíveis respostas podem estar implicadas neste número de 3,97%. Como se vê, a própria elite intelectual acadêmica nordestina, representada por alunos e professores de Mestrado e Doutorado, parece ter pouca preocupação com a questão. É evidente que os propósitos de programas de pós-graduação acadêmicos em estudos linguísticos abrangem uma infinidade de áreas e subáreas de pesquisa, indo muito além da aplicabilidade para o ensino. Mas também é verdade que a maior parte dos pesquisadores da área tem formação em licenciatura e estão preparados para formar professores, os quais irão para as salas de aula da educação básica do Brasil. Se os que vão ensinar nossos jovens pouco estudaram sobre a questão, como cobrar de alunos do ensino fundamental e médio esse conhecimento?

O que queremos dizer é que essas questões são pouco discutidas na própria academia, o que pode refletir diretamente na formação desse público e desembocar nas aulas de língua portuguesa do ensino básico. Cabe, inclusive, uma investigação futura sobre a estrutura de disciplinas dos programas de pós-graduação e mesmo nos

---

<sup>9</sup> Segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) 2018, 64% dos brasileiros têm, no máximo, um nível elementar de alfabetização, sendo que, há mais de uma década, o nível proficiente de alfabetização está estagnado, em torno de 12%. No Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), cuja última análise é de 2021, temos tido uma queda na avaliação do Ensino Médio em Língua Portuguesa em relação ao ano de 2019 e um tímido avanço em relação às primeiras medições, em 2011. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/nivel-proficiente/> e em [https://download.inep.gov.br/saeb/resultados/apresentacao\\_saeb\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/saeb/resultados/apresentacao_saeb_2021.pdf). Acesso em: 22 nov. 2022.

cursos de licenciatura em Letras: há espaço/ incentivo para tais discussões?

#### 4.2.2 Dos PPG mais e menos produtivos sobre a relação gêneros e ensino

Quatro PPG merecem atenção neste tópico: o PPG de Linguagem e Ensino da UFCG é o mais produtivo nos trabalhos que discutem a relação gêneros e ensino: 15,45% dos trabalhos têm essas preocupações. O segundo mais produtivo é o PPG de Letras: cultura, educação e linguagens, da UESB, com 8,18%, e o terceiro é o PPG em Ciências da Linguagem, da Unicap, com 7,86%. Os três ficaram com uma percentagem bem acima da média dos outros dezoito programas analisados, enquanto o Programa de Pós-graduação em Letras da UFMA não teve nenhum trabalho defendido sobre o tema em sete anos de existência.

Algumas considerações são importantes: primeiro, o PPG da UFCG é o único dos analisados que tem vínculos com o ensino inerente à sua proposta (Linguagem e Ensino), embora seja um programa acadêmico. Logo, todos os trabalhos defendidos precisam ter alguma reflexão voltada para a sala de aula. É de se esperar, portanto, que seja o PPG com o maior número de defesas nessa temática. O PPG da UESB é uma surpresa importante, pois, embora seja relativamente novo, iniciado em 2010, já apresenta quase 10% de seus trabalhos com preocupações legítimas com gêneros e ensino. Mesmo assim, seguindo a linha do PPG da UFCG, ele apresenta, em sua constituição, o termo “educação”, o que pode ser um importante indício do interesse de docentes e discentes na educação básica. Por fim, o PPGCL/Unicap é o primeiro programa em estudos linguísticos do NE que não necessariamente se compromete com o ensino ou a educação, mas apresenta um índice de pesquisas relacionando gêneros e ensino de 7,86%, praticamente o dobro da média na região, passando à frente de programas consagrados nacionalmente na área de gêneros, como PPGL/UFC e PPGL/UFPE, por exemplo.

Desses programas, chama a atenção que alguns trabalhos, embora não tenham necessariamente aplicabilidade ao ensino, refletem sobre a questão, o que pode, no

futuro, promover melhorias para a área, por exemplo. Vejamos o trabalho de Viana (2011), defendido no PPG de Letras da UESB, intitulado *Abordagem discursiva do Livro didático de Língua Portuguesa: um gênero do discurso complexo*. A autora se propõe a sustentar a tese de que o LD de LP é um gênero do discurso complexo, constituído por intercalação de outros gêneros e por um acabamento discursivo do enunciado. Trata-se de um trabalho de cunho teórico, reflexivo sobre a natureza do livro didático e remete à compreensão do seu funcionamento como gênero. Embora não aplicado, contribui com os estudos sobre material didático de língua portuguesa, sendo, portanto, uma reflexão importante tanto para professores quanto para alunos.

Um aspecto que chamou muito a atenção foi o Programa de Pós-graduação em Letras da UFMA, iniciado em 2015, mas com trabalhos defendidos a partir de 2017. Até 2021, foram 61 defesas, nenhuma delas com preocupações com o ensino. O PPG se organiza em três linhas de pesquisa: i) descrição e análise linguística do português brasileiro e de outras línguas naturais; ii) estudos de linguagem e práticas discursivas; iii) estudos teóricos e críticos em literatura. Aparentemente as discussões sobre gêneros teriam uma maior probabilidade de aparecerem na linha ii, que é descrita: como “Estudo das práticas de linguagem em diferentes contextos, com ênfase ao lugar social de produção dos textos e dos discursos”.

A conclusão a que chegamos é a de que, de fato, as pesquisas desenvolvidas no programa cumprem tudo ao que ele se propõe, não tendo quaisquer obrigações de discutir temáticas relacionadas ao ensino de língua. O que há é a defasagem de discussões acadêmicas sobre a questão no estado maranhense, uma vez que só há dois PPG acadêmicos em estudos linguísticos, sendo o outro<sup>10</sup> muito recente, iniciado

---

<sup>10</sup> Programa de Pós-graduação em Letras, da UFMA (PGLB), em Bacabal, iniciado em 2019. Aqui a primeira defesa ocorreu em 25 de agosto de 2021, com o trabalho de Silva (2021), mas em 30 de agosto, Souza (2021) defendeu seu trabalho intitulado “Uma investigação em textos dissertativo-argumentativos de alunos do 1º ano do ensino médio regular da rede pública de Bacabal-MA: o ensino de argumentação”, sendo o primeiro da pós-graduação acadêmica em estudos linguísticos do Maranhão, em dez anos, a se dedicar ao ensino de língua materna por meio de gêneros.

apenas em 2019. Eis uma lacuna que começa a ser preenchida por novos pesquisadores, como os trabalhos de Souza (2021) e Florêncio (2021) que, ainda de maneira tímida, vão mostrando que o ensino volta a ganhar relevância acadêmica na pesquisa linguística do Maranhão.

É evidente que pesa o fato de ponderar se o perfil docente que atua nesses programas se dedica a fazer essas correlações em suas pesquisas, capilarizando esse nicho teórico para os orientandos, o que, claro, pesaria nas quantificações que aqui apresentamos. Não foi nosso objetivo olhar para esses dados, que poderiam ser explorados em investigações futuras.

#### 4.2.3 Dos trabalhos que discutem tangencialmente a relação gêneros e ensino

Os números incluem pesquisas que não necessariamente tratam de gêneros e ensino como fim, mas de outros assuntos que perpassam a temática em tela, como variação linguística, argumentação, referenciação, leitura, prática docente, letramentos, escrita, produção textual, estilos literários etc. Gêneros, portanto, são assunto marginal em parte das pesquisas.

Um exemplo assim é a dissertação de Oliveira (2013), defendida na UESB em 2013, intitulada “Oralidade e letramento: conjunto de estratégias de ensino interativas para a ação docente”. Sendo uma pesquisa voltada para a prática docente, a priori, o título não traz a identificação de qualquer gênero em específico. Isso é identificado apenas no resumo, quando a autora assume que “são ainda enfatizados os aspectos teóricos relacionados ao trabalho com diferentes **gêneros discursivos** [grifos nossos] em sala de aula na perspectiva do letramento, explorando a oralidade, a leitura e a escrita como resultado do processo interativo a ser protagonizado pelo aluno [...]” (Oliveira, 2013, p. 6). Ainda aqui não há especificidades sobre gêneros, que só aparecem diretamente na metodologia e análise de dados, onde identificamos que a pesquisa contemplou gêneros variados, como “notícia de jornal televisivo; notícia de impressa (sic); filme, documentário; jornal eletrônico, entrevista, música [...]” (Oliveira,



2013, p. 127). O foco não é no ensino de algum gênero, mas eles aparecem secundariamente na pesquisa, cujo objeto é a prática docente.

Outro exemplo mais recente é o trabalho de Jesus (2020), do PPG de Língua e Cultura da UFBA, que se propôs a “analisar as contribuições que a leitura traz na busca por soluções de problemas relacionados à atribuição de sentido dos textos orais e escritos dos estudantes do ensino médio técnico do IFBA, matriculados nos cursos de Geologia e Edificações do 1º e 3º períodos.” (Jesus, 2020, p. 7). A autora partiu da premissa de que o aluno chega ao autoconhecimento por meio da leitura e escrita, sendo essas atividades, portanto, fundamentais para a parte significativa do aprendizado. É a leitura o objeto de pesquisa, que é atravessado por gêneros específicos. Metodologicamente, a pesquisadora pediu que os participantes – alunos do curso de Edificações do 1º ano e do curso de Geologia do 3º – produzissem dois textos: um relato sobre a experiência pessoal com a leitura e uma dissertação sobre racismo – um gênero tipicamente escolar.

Os textos dos alunos foram analisados pela pesquisadora, que buscava flagrar o desenvolvimento do letramento dos informantes e a influência da leitura “no processo de ensino-aprendizagem da escrita em língua portuguesa no IFBA” (Jesus, 2021, p.66), chegando à conclusão que ela é fundamental na construção dos sentidos dos textos, sobretudo porque receberam incentivo desde muito cedo, no ambiente familiar.

O que se vê em pesquisas dessa natureza é que muitos objetos de pesquisa voltados para o ensino de língua podem ser analisados, tomando como pano de fundo o trabalho com alguns gêneros específicos. No caso em tela, não houve nenhum trabalho de aplicabilidade em sala de aula, mas uma reflexão não apenas sobre a leitura, mas a qualquer situação em que sujeitos da linguagem estejam inseridos e sejam capazes de reconhecer-se e reconhecerem a história onde estão inseridos, o que permitirá que ajam ativamente como cidadãos do mundo. Certamente isso atravessa uma discussão com gêneros.

#### 4.2.4 Dos agrupamentos de gêneros e de sua relação com o ensino

Bhatia (2004) assegura que, no mundo real, os gêneros acabam por se relacionar de maneiras muito variadas com outros gêneros. E é natural, afinal, uma das maneiras de estudar a forma como as sociedades se organizam é analisar que gêneros são utilizados pelos sujeitos que constituem certas comunidades e certos campos de atividade humana. Autores variados (Devitt, 1991; Marcuschi, 2000; Bhatia, 2004; Swales, 2004; Bazerman, 2005; Bezerra, 2017; Araújo, 2021) se debruçaram sobre comunidades específicas e concluíram que, no discurso da vida, gêneros acabam por se vincular de diferentes formas. Araújo (2021) retoma os estudos de Bakhtin (2008), que, ao estudar um novo tipo de romance, o polifônico, na obra de Dostoiévsky, voltou-se para os gêneros da Grécia Antiga e chegou a um conjunto que denominou de campo do sério-cômico, constituído por gêneros como a sátira menipeia, diálogos socráticos, simpósios, memorialísticas, poesia bucólica, entre outros, todos diferentes entre si, mas que guardavam uma característica comum: a carnavalização.

Embora Bakhtin (2008) não tenha atribuído um nome a esse conjunto, trazemos o exemplo apenas para acentuar que essas experiências languageiras são muito antigas, praticadas pela humanidade há mais de dois milênios. Não é de se surpreender que, com o avanço dos estudos da área, outras denominações tenham surgido. Conceitos como conjuntos (Devitt, 1991), sistemas (Bazerman, 2005), cadeias (Fairclough, 2001; Swales, 2004), redes (Swales, 2004) colônias (Bhatia, 2004), constelações (Marcuschi, 2000; Araújo, 2021), famílias (Ciapuscio, 2009) e compósitos de gêneros (Lima-Neto; Carvalho, 2022) são algumas nomenclaturas pensadas ao longo das últimas décadas para dar conta desses fenômenos da vida. Amparamo-nos também nessa pressuposição para buscar entender o porquê de essas relações serem tão pouco conhecidas nas salas de aula brasileiras.

Essa nossa impressão se materializou na prática. Há pouquíssimos trabalhos sobre agrupamentos de gêneros no Nordeste – no período analisado, apenas a dissertação de Pimentel (2014) versa sobre o objeto, mas, **nenhum** com preocupações

com o ensino. Embora o assunto, como já dissemos, seja antigo tanto fora do país quanto dentro dele<sup>11</sup>, poucos trabalhos se dedicaram a isso no Nordeste (Bezerra, 2006; Araújo, 2006 são alguns apenas). Trata-se de assunto difícil ou sem importância para o universo acadêmico? Se a resposta for sim para o acadêmico, como pedir que essa discussão seja feita no universo escolar?

Mais recentemente, tem-se encontrado trabalhos nessa direção (Bezerra, 2017; Araújo, 2021; Oliveira, 2022; Lima-Neto; Carvalho, 2022), mas, de fato, ainda sem preocupações com a educação básica, embora Oliveira (2022) já aponte para o universo dos letramentos acadêmicos. É fato, alunos em geral se deparam com gêneros *em conjunto*, linkados de diferentes maneiras, fomentando a organização da vida e das práticas sociais, nos mais variados campos de atividade humana. Hoje nos utilizamos habilmente de todos esses gêneros em suas relações harmoniosas, mas de maneira mais inconsciente. Talvez seja uma discussão a ser levantada a partir de agora também para a educação básica, uma vez que, ao que tudo indica, as discussões com gêneros na escola passam relativamente distantes do mundo real.

## 5 Considerações (semi) finais

O trabalho com gêneros na escola é política de Estado desde 1998, iniciada nos PCN (Brasil, 1998) e reforçada na BNCC (Brasil, 2018). Mesmo assim, indicadores como o Inaf, e testes variados, como Saeb e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) mostram que o nível de proficiência leitora da população e a escrita de textos ainda apresenta um desempenho frágil. Diante disso, partimos do pressuposto de que muitos desses resultados têm influência do que acontece nos cursos de formação de professores e das pesquisas científicas que versam sobre a questão.

Neste trabalho, tivemos como objetivo mapear os trabalhos acadêmicos defendidos em programas de pós-graduação (PPG) de estudos linguísticos no NE

---

<sup>11</sup> Marcuschi (2000) já discutira sobre o objeto.

sobre ensino de língua materna a partir de gêneros, considerando o enfoque em análises que considerem tanto gêneros isolados quanto diferentes tipos de agrupamentos genéricos. Para isso, fizemos um recorte das dissertações e teses defendidas em vinte programas de pós-graduação na área de Ciências da Linguagem, no período de 2011 a 2021 e chegamos a 196 trabalhos que versavam sobre a relação gêneros e ensino. Destacamos algumas questões que merecem ser pontuadas nos resultados.

De maneira geral, nos parece que pesquisar gêneros, pelo menos nos estudos voltados para a educação básica, não tem estado em evidência. O primeiro indício, e mais notório, é o fato de haver muitos trabalhos com reflexões sobre gêneros diversos, **mas sem preocupações com a escola**. De um universo de mais de cinco mil trabalhos defendidos, mapeamos apenas 196 que discutiam a relação entre gêneros e ensino, em dez anos. Isso dá um percentual de 3,97% que refletem a questão, nos programas acadêmicos.

A segunda questão é consequência desses resultados: tudo sugere que falamos para as nossas bolhas acadêmicas, sem que as reflexões ultrapassem os muros das universidades nordestinas. Há, portanto, uma tendência de aumento da distância entre academia e escola. Temos índices alarmantes de problemas de escrita e de leitura no Brasil, como mostra o Inaf (2021), mas parece que o que tem sido feito nas Ciências da Linguagem na região Nordeste – pelo menos no que diz respeito ao trabalho com gêneros, escrita, produção textual, redação e ensino – tem tido pouco reflexo na vida dos alunos da educação básica. O recorte é da região nordeste, mas é um alerta para a pouca preocupação da academia com a escrita nas salas de aula da EB do Brasil.

Por último, não nos esqueçamos da importância das pesquisas realizadas nas 23 unidades do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) em funcionamento na região Nordeste<sup>12</sup>. A missão do Programa é a capacitação de

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://profletras.ufrn.br/unidades/unid\\_nordeste#.Y36C63bMLIU](https://profletras.ufrn.br/unidades/unid_nordeste#.Y36C63bMLIU). Acesso em: 23 nov. 2022.

professores de língua portuguesa, com consequente melhoria na qualidade do ensino de língua na região. Uma vez que os estudos aí desenvolvidos se voltam necessariamente para a sala de aula, é bem possível que o número de trabalhos com gêneros no Profletras seja maior, porém a análise de programas profissionais não era nosso objetivo neste artigo. Estudos futuros, no entanto, poderão lançar luzes sobre a questão no âmbito do Profletras e de outros mestrados profissionais e acadêmicos de áreas afins, como Educação e Ensino, por exemplo, que também podem trazer importantes contribuições para essa discussão.

## Referências

ARAÚJO, A. D. Mapping genre research in Brazil: an exploratory study. In: BAZERMAN, C. *et al.* (ed.). **Traditions of writing research**. Nova York: Routledge, 2010, p. 44-57.

ARAÚJO, J. C. **Chat na web**: um estudo de gênero hipertextual. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

ARAÚJO, J. C. **Os chats**: uma constelação de gêneros na Internet. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

ARAÚJO, J. C. **Constelação de gêneros**: a construção de um conceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

ATAÍDE, C. *et al.* **Cartografia GeNE**: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura - Volume I. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2019a.

ATAÍDE, C. A. **Cartografia GeNE**: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura - Volume II. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2019b.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévsky**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Edição 34, 2016.

BAWARSHI, A.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa e ensino**. Tradução de Benedito Bezerra. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividade: como os textos organizam atividades e pessoas. *In*: BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46. DOI <https://doi.org/10.37514/PER-B.2009.2324>

BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. (ed.). **Genre in a changing world**. Fort Collins: WAC Clearinghouse; West Lafayette: Parlor, 2009.

BERNARDINO, C. G.; ABREU, N. O. A seção de introdução em artigos acadêmicos experimentais da cultura disciplinar de psicologia: um estudo sociorretórico. **RAÍDO**, v. 11, p. 463-482, 2017. DOI <https://doi.org/10.30612/raido.v11i27.5669>

BEZERRA, B. G. A propósito da “síntese brasileira” nos estudos de gêneros. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 465-491, 2016. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.24.2.465-491>

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BEZERRA, B. G. **O gênero como ele é (e como não é)**. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

BEZERRA, B. G.; PIMENTEL, R. L. Interloquções teóricas nos estudos de gênero: um estudo de caso sob o prisma da complexidade. **Revista Investigações**, v. 33, n. 2, p. 1-24, 2020. DOI <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2020.246995>

BHATIA, V. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. Londres: Continuum, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: Educ, 1999.

CARVALHO, M. G. M.; SOUZA, A. C. A avaliação da leitura no Brasil entre os anos 2014-2020: instrumentos e habilidades. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 49, p. 1-20, 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202349259865>

CAZDEN *et al.* A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**; v. 66, n.1, 1996. DOI <https://doi.org/10.17763/haer.66.1.17370n67v22j160u>

CIAPUSCIO, G. Famílias de gêneros e novas formas comunicativas para a ciência. **Calidoscópio**, v. 7, n. 3, p. 243-252, set./dez. 2009. DOI <https://doi.org/10.4013/cld.2009.73.08>

DEVITT, A. Intertextuality in tax accounting generic, referential and functional. *In*: BAZERMAN, C.; PARADIS, J. (org.). **Textual dynamics of the professions**: historical and contemporary studies of writing in professional communities. Madison: The University of Winsconsin Press, p. 336-357, 1991.

FLORÊNCIO, D. C. **A reescrita na escola mediada pela correção textual-interativa**: uma proposta para o desenvolvimento das capacidades de linguagem. Dissertação (Mestrado em Letras) – PGLB, UFMA, Bacabal, 2021.

FORTE-FERREIRA, E. C.; SANTOS, R. I. A.; NORONHA, L. A. Formação docente e o ensino da oralidade: entre concepções e práticas em sala de aula. **Interfaces**, v. 13, n. 2, p. 82-101, 2022. DOI <https://doi.org/10.5935/2179-0027.20220026>

GOMES-SANTOS, S. N. A linguística textual na reflexão sobre o conceito de gênero. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 315-323, jan./ jun. 2003. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v44i0.8637085>

GUALBERTO, C. L.; SANTOS, Z. B. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, Belo Horizonte, v. 35, n. 2, p. 1-30, 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/1678-460x2019350205>

JESUS, M. M. D. **A leitura no processo de ensino-aprendizagem da escrita em língua portuguesa no instituto federal da Bahia (IFBA)**. 96 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – PPG em Língua e Cultura, UFBA, Instituto de Letras, Salvador, 2020.

KNOBEL; M.; LANKSHEAR, C. **A new literacies sampler**. Londres: Routledge, 2007. KRESS, G. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. Nova York: Routledge, 2010.

LIMA, S. C.; LIMA-NETO, V. Panorama das pesquisas sobre letramento digital no Brasil: principais tendências. In: ARAÚJO, J.; DIEB, M. (org.). **Letramentos na web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edufc, 2008. p. 47-57.

LIMA-NETO, V.; CARVALHO, A. P. Sobre o(s) compósito(s) de gêneros. **Revista de Letras**, n. 41, v. 1, p. 108-123, jan./ jun. 2022. DOI <https://doi.org/10.36517/revletras.41.1.8>

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife: Mimeo, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. **Delta**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-44502008000200007>

OLIVEIRA, J. R. ; OLIVEIRA, F. C. G. ; ALVES FILHO, F. A organização retórica e ação social em resenhas literárias do Instagram. **Revista intercâmbio**, São Paulo, v. 47, p. 137-155, 2021.

OLIVEIRA, J. H. P. **Os gêneros resumo: agrupamentos, relações e inter-relações contextuais nos eventos acadêmicos**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – PPGCL, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2022.

PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa sobre interação e aprendizagem de línguas mediadas pelo computador. **Calidoscópio**. São Leopoldo, v. 3, n.1, p.5-12, jan/abr. 2005.

PIMENTEL, R. L. **Diálogos, caracterização e contribuições dos estudos de gênero em teses e dissertações no Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – PPGLetras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SANTOS, L. M. A. Panorama das pesquisas sobre TDIC e formação de professores de língua inglesa em LA: um levantamento bibliográfico a partir da base de dissertações/teses da CAPES. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 15-36, mar. 2013. DOI <https://doi.org/10.1590/S1984-63982013000100002>

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo, Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.



SILVA, T. T. C. O. **Das reminiscências trovadorescas na poesia de Álvares de Azevedo: um estudo do aspecto lírico-amoroso na Lira dos Vinte Anos.** 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – PGLB, UFMA, Bacabal, 2021.

SILVA, A. P. N.; BERNARDINO, C. G.; VALENTIM, D. L. A construção sociorretórica da seção de introdução em artigos acadêmicos de linguística aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, p. 686-714, 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/010318135375015912020>

SOUZA, R. N. P. **Uma investigação em textos dissertativo-argumentativos de alunos do 1º ano do ensino médio regular da rede pública de Bacabal-MA: o ensino de argumentação.** 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – PGLB, UFMA, Bacabal, 2021.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. **Research Genres: exploration and applications.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139524827>

SWALES, K. A text and its commentaries: toward a reception history of 'genre in three traditions'. **Iberica**, Valência, n. 24, p. 103-116, 2012.

VIEIRA, I. L. Tecnologia eletrônica e letramento digital: um inventário da pesquisa nascente no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 251-276, 2004. DOI <https://doi.org/10.1590/S1984-63982004000100014>

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2018.